

K A W A Í P

ÍNDIOS

500

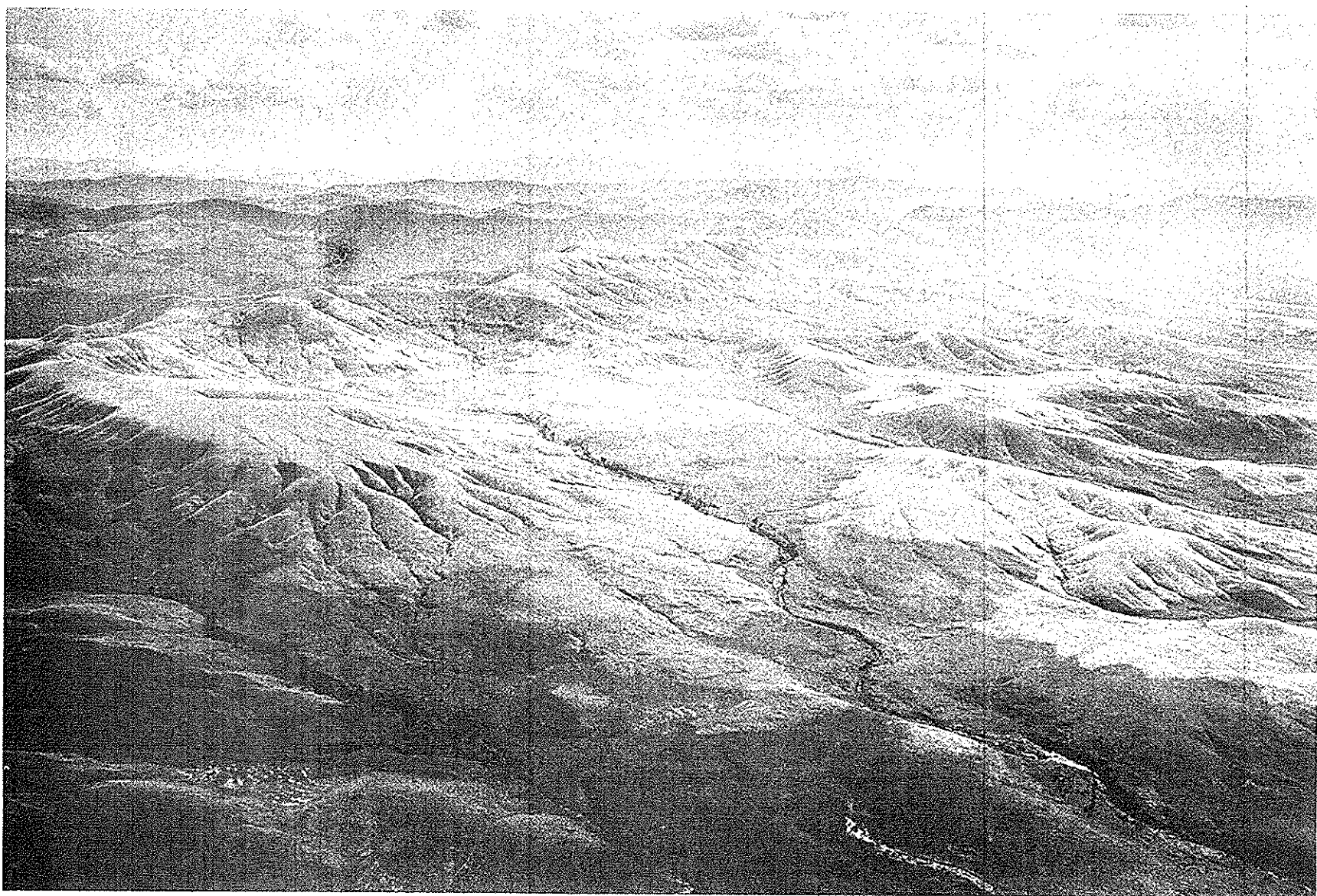
FOLHA DE S. PAULO

ESPECIAL ★ PÁGINA 1
★ SÃO PAULO,
DOMINGO,
18 DE ABRIL
DE 1999



Foto: Sebastião Salgado; projeto gráfico: Vincenzo Scarpellini

NA VÉSPERA DO DIA DO “KAWAÍP” (PRONUNCIA-SE “CAUAÍPE”, INDÍGENA EM TUPI), ENSAIO DO FOTÓGRAFO SEBASTIÃO SALGADO MOSTRA A SITUAÇÃO DE TRÊS GRUPOS. APÓS A QUASE EXTINÇÃO, VOLTA A CRESCER A POPULAÇÃO DOS PRIMEIROS BRASILEIROS



COTIDIANO

Índios marubo participam de pesca coletiva no rio Curuçá (no alto), próximo à aldeia Maronal, no Amazonas. Na pesca, eles utilizam o veneno de assacu, um peixe da região amazônica

DEVASTAÇÃO

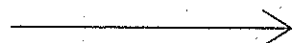
Vista aérea de área devastada no norte do Estado de Roraima (ao lado), região onde vivem os índios macuxis. A imagem mostra forte erosão no local, em uma região montanhosa

OUTROS 500

WILSON SILVEIRA da Sucursal de Brasília

QUASE EXTERMINADOS NOS PRIMEIROS

500 anos de história do Brasil, os índios estão reagindo. A taxa de natalidade da população indígena está 10% maior do que a dos não-índios. Aos poucos, vêm se organizando em entidades exclusivas de índios, cujo objetivo básico é conquistar meios de produzir em suas terras e preservar sua identidade cultural. “Vamos sobreviver aos próximos 500 anos”, disse Ianaculá, 43, administrador do Parque Indígena do Xingu (MT), onde vivem índios de 14 etnias.



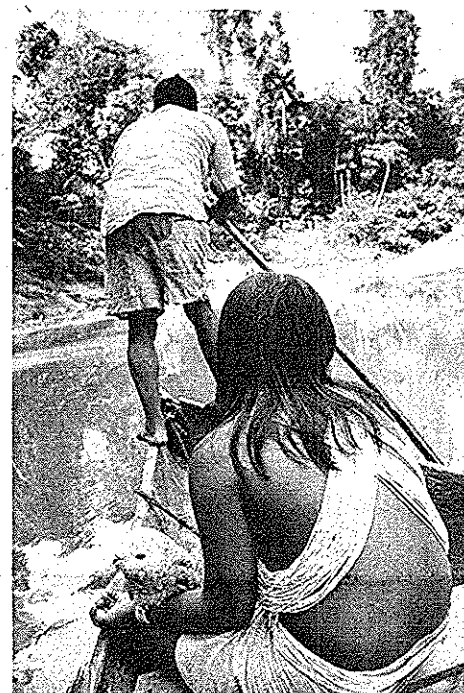
DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL, 1.200 LÍNGUAS INDÍGENAS E SEUS POVOS DESAPARECERAM



D E S A F I O Jovens macuxis participam de cerimônia em escola secundária na aldeia Maturuca, em Roraima. Os macuxis estão entre os grupos que buscam retomar a identidade indígena, o que incluiu a criação da escola



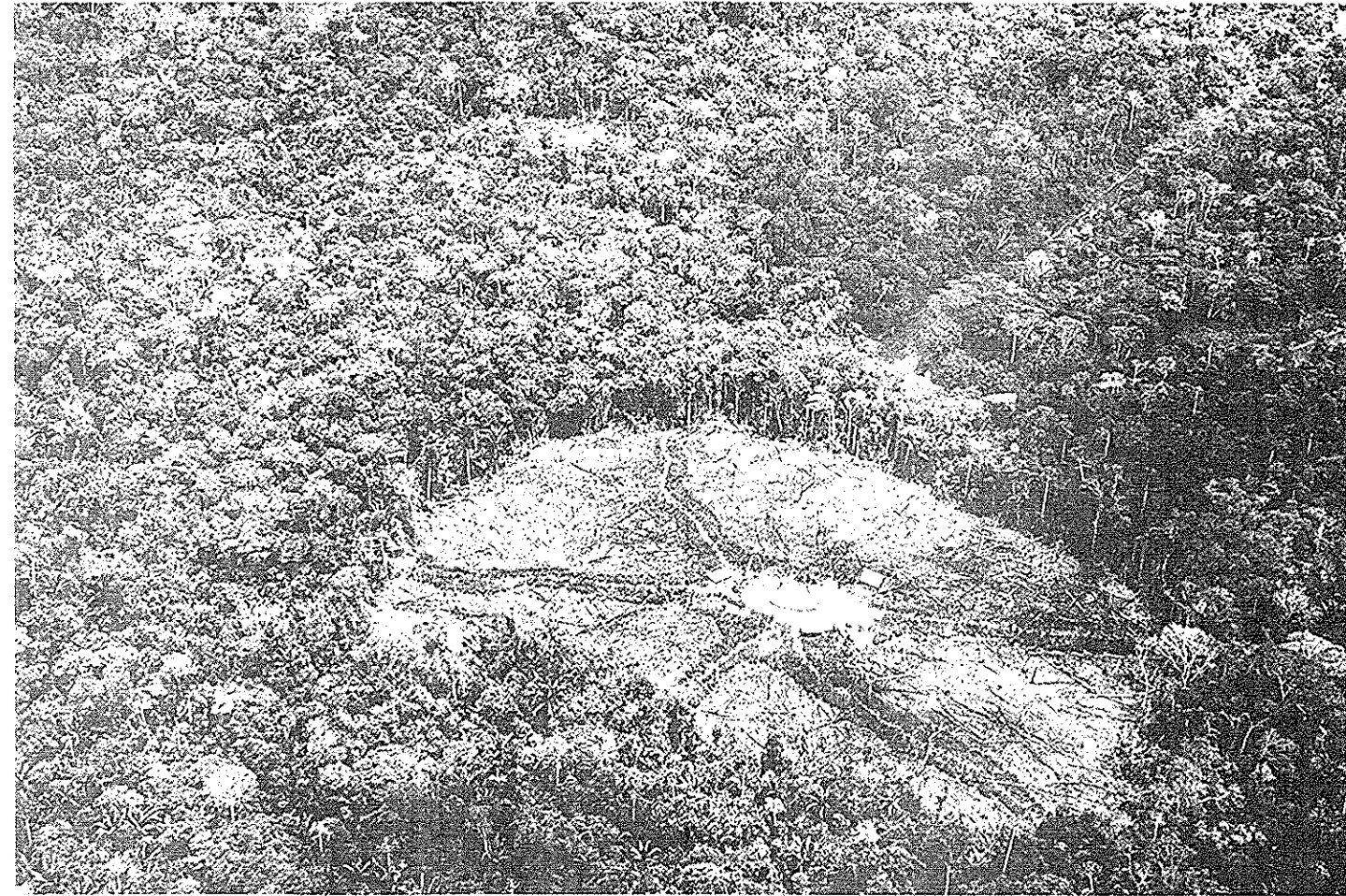
O P O R T U N I D A D E Jovens ianomâni em margem do rio Igarapé, em Homoxi, em Roraima (acima), e pesca coletiva de marubos no rio Curuçá, no Amazonas (abaixo, à esquerda). As nascentes de importantes rios amazônicos ficam em áreas em que vivem indígenas



Fotos Sebastião Salgado



L I M I T E Guerreno ianomâni em Wiramabui-Thieri (à esq.), em Roraima. Centro de maloca em Lafakabuco, também em Roraima, com grupo de índios que havia deixado aldeia em Hayahora, devido à superlotação



T R A N S I Ç Ã O Maloca de marubos (acima), que foram nômades no passado. À direita, índios carregam cachos de banana



Estima-se que havia entre 5 milhões e 6 milhões de índios no Brasil na época do descobrimento. O número caiu para 100 mil nos anos 50, conforme estudo do antropólogo Darcy Ribeiro, em 1957. Depois da década de 50, com a melhoria da assistência oficial às comunidades indígenas, elas voltaram a crescer. Hoje, segundo a Funai (Fundação Nacional do Índio), a taxa de natalidade entre índios é 10% superior à de não-índios. O último dado populacional divulgado pela Funai é de 1997, quando havia 325,6 mil índios no Brasil, a maioria no Amazonas (89 mil).

Tese de doutorado da linguista pernambucana Januaceli da Costa, divulgada pela Funai, diz que, desde o Descobrimento do Brasil, desapareceram 1.200 línguas indígenas, e com elas os seus povos.

O professor Julio Cezar Mellatti, do Departamento de Antropologia da UnB, autor de "Índios do Brasil" (Editora de Brasília, 1970), não arrisca um cálculo.

"É difícil, porque o Brasil foi ocupado aos poucos, e o tratamento dispensado aos índios era variável. Muitos morreram nas lavouras, em batalhas e em embarcações — eram usados como remadores —, além de terem sido vítimas de doenças trazidas pelos portugueses, mas é difícil dizer quantos foram."

DEPENDÊNCIA O índio Ianaculá avalia que nada mudou no relacionamento dos índios com os brancos desde a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil, há quase 500 anos.

Como outros líderes — que se uniram em entidades como a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, a Coordenação de Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, a Associação Terra Indígena Xingu e o Conselho Indígena do Vale do Javari —, Ianaculá busca meios de tornar as comunidades indígenas autônomas.

Filho de índios camaiurá e trumai, ele se mudou para a cidade aos 5 anos e recebeu educação convencional, voltando adulto para uma temporada no Xingu. "A maioria dos índios quer miçangas e espelhos", disse, reprovando a política "de todos os governos brasileiros de tratar o índio como se fosse menor de idade".

Essa política, disse, criou uma relação de dependência difícil de ser superada. Para ele, os índios podem sobreviver à sua própria custa se tiverem infra-estrutura para trabalhar com agricultura, pesca e artesanato.

Atualmente, os chefes das aldeias escolhem duas ou três crianças para estudar na cidade, com a expectativa de que voltem e utilizem seus conhecimentos em benefício do grupo. "Mas muitos não voltam", lamentou Ianaculá.

Ele lembra que os índios têm um grande trunfo: nascentes de rios

importantes estão localizadas em reservas indígenas, e é unânime a opinião de que a água será estratégica no futuro.

BOMBARDEIO ATÔMICO Nos últimos anos, os índios brasileiros têm sido vítimas de uma curiosidade intensa, cujo efeito, para eles, se assemelha a um "bombardeio atômico", na definição da antropóloga Mari Baiochi, responsável pela Coordenação Geral de Estudos e Pesquisas da Funai.

Um levantamento de sua equipe indicou que, entre 1987 e 1997, entraram em território indígena 205 missões religiosas, 750 pesquisadores e cerca de 3.000 entidades não-governamentais. "Nem todos vieram munidos de bons propósitos. É preciso ser cauteloso."

Baiochi comemora o início recente da cobrança de direitos autorais, em benefício das comunidades indígenas, de pessoas ou empresas que explorem a cultura indígena com fins comerciais.

DEMARCAÇÃO O presidente Fernando Henrique Cardoso corre o risco de não conseguir cumprir a promessa de demarcar todas as terras indígenas identificadas até a comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Segundo a Funai, há 161 áreas a serem identificadas, sendo que em 66 delas o trabalho já começou.

A identificação consiste na elaboração, pela Funai, da proposta de criação de uma área indígena, a partir da localização de um grupo específico e da realização de estudos etnológicos, históricos,

demográficos, sociológicos etc. Depois da identificação, vem a demarcação da área, sua homologação pelo presidente da República e a regulamentação fundiária — o que costuma demorar anos.

O Ministério da Justiça diz que a promessa de FHC será cumprida e que as áreas pendentes são pequenas.

Os líderes indígenas e as organizações não-governamentais comemoraram, nos últimos anos, a demarcação da área ianomâni e a demarcação da área Raposa-Serra do Sol, esta em Roraima, em território contínuo (veja quadro na página seguinte).

Agora, temem que o governo federal volte atrás e crie "ilhas" na área Raposa-Serra do Sol, onde vivem os índios macuxis, para não ter de expulsar produtores de arroz e criadores de gado.

QUANTOS SÃO, ONDE ESTÃO

Fotos Sebastião Salgado



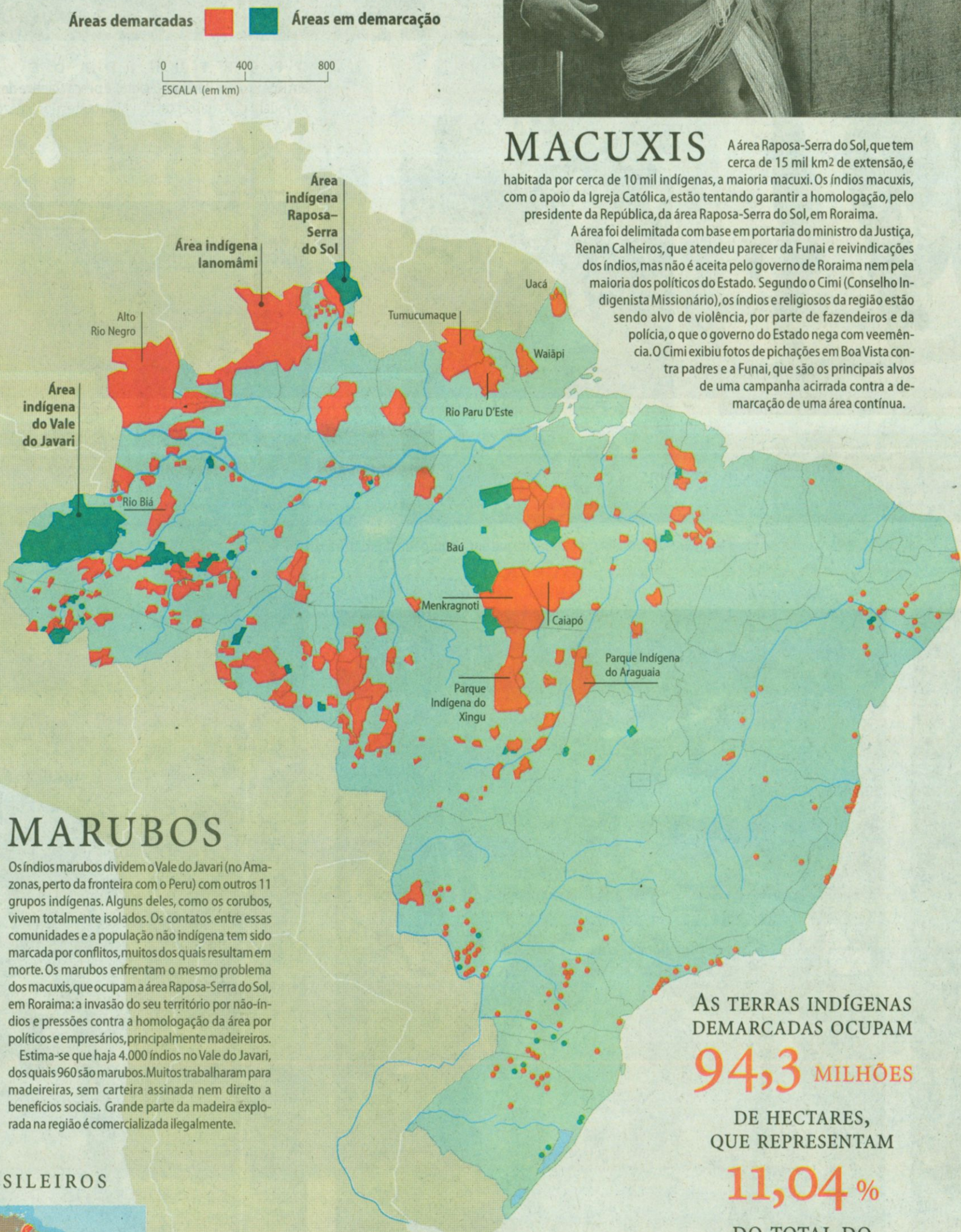
EM 1500 ESTIMA-SE
QUE HAVIA ENTRE
5 MILHÕES E 6 MILHÕES
DE ÍNDIOS NO BRASIL.
ATUALMENTE A FUNAI CALCULA
QUE A POPULAÇÃO INDÍGENA
SEJA DE
325,6 MIL
QUE REPRESENTAM
0,2%
DA POPULAÇÃO BRASILEIRA



IANOMÂMIS Os ianomâmis, dos quais se tem notícias desde do século 18, estão distribuídos em cerca de 200 comunidades, espalhadas numa área de 94.191 km². Estima-se que somem 22 mil indivíduos, 10 mil deles no Brasil e o restante na Venezuela.

Demarcada no governo Collor (90-92), a área ianomâmi já não é objeto de disputa judicial, mas continua invadida por garimpeiros e posseiros —fato recorrente desde dos anos 70, quando foram descobertos na região ouro e outros minérios, e que se acirrou no final dos anos 80. Uma equipe da Funai constatou, na semana passada, que aviões sem identificação continuam usando pistas clandestinas para transporte de minérios retirados ilegalmente. Para a CCPY (Comissão Pró-Ianomâmi), há na região mais de cem garimpeiros.

Carlo Zacchini, da CCPY, diz que outra dificuldade se refere ao tratamento de saúde. Segundo ele, a CCPY se esforça para marcar consultas para os ianomâmis doentes, que são enviados para Boa Vista (RR), principalmente. "Depois de um mês, em média, na Casa do Índio, muitos voltam sem ter conseguido as consultas. Aí é preciso começar tudo de novo."



MACUXIS A área Raposa-Serra do Sol, que tem cerca de 15 mil km² de extensão, é habitada por cerca de 10 mil indígenas, a maioria macuxi. Os índios macuxis, com o apoio da Igreja Católica, estão tentando garantir a homologação, pelo presidente da República, da área Raposa-Serra do Sol, em Roraima.

A área foi delimitada com base em portaria do ministro da Justiça, Renan Calheiros, que atendeu parecer da Funai e reivindicações dos índios, mas não é aceita pelo governo de Roraima nem pela maioria dos políticos do Estado. Segundo o Cimi (Conselho Indigenista Missionário), os índios e religiosos da região estão sendo alvo de violência, por parte de fazendeiros e da polícia, o que o governo do Estado nega com veemência. O Cimi exibiu fotos de pichações em Boa Vista contra padres e a Funai, que são os principais alvos de uma campanha acirrada contra a demarcação de uma área contínua.

MARUBOS Os índios marubos dividem o Vale do Javari (no Amazonas, perto da fronteira com o Peru) com outros 11 grupos indígenas. Alguns deles, como os corubos, vivem totalmente isolados. Os contatos entre essas comunidades e a população não indígena tem sido marcada por conflitos, muitos dos quais resultam em morte. Os marubos enfrentam o mesmo problema dos macuxis, que ocupam a área Raposa-Serra do Sol, em Roraima: a invasão do seu território por não-índios e pressões contra a homologação da área por políticos e empresários, principalmente madeireiros.

Estima-se que haja 4.000 índios no Vale do Javari, dos quais 960 são marubos. Muitos trabalharam para madeireiras, sem carteira assinada nem direito a benefícios sociais. Grande parte da madeira explorada na região é comercializada ilegalmente.

AS TERRAS INDÍGENAS
DEMARCADAS OCUPAM
94,3 MILHÕES
DE HECTARES,
QUE REPRESENTAM
11,04 %
DO TOTAL DO
TERRITÓRIO NACIONAL

OS PRINCIPAIS GRUPOS INDÍGENAS BRASILEIROS



A POPULAÇÃO INDÍGENA
ESTÁ DISTRIBUÍDA EM
206 ETNIAS
QUE FALAM CERCA DE
170
LÍNGUAS DIFERENTES

AS MAIORES POPULAÇÕES INDÍGENAS

Etnia	Estado	População
Guarani	MS, PR, SC, RS, ES, RJ e SP	41.000
Caingang	PR, SC e RS	22.000
Ticuna	AM	21.000
Terena	MS	19.000
Guajajara	MA	13.000
Xavante	MT	10.000
Ianomâmi	RR e AM	10.000
Macuxi	RR	9.500
Potiguar	PB	7.600
Xacriabá	MG	6.200
Fulni-ô	PE	5.000
Caripuna	AP	4.000
Pataxó	BA	3.900

Fonte: Funai, Ministério da Justiça